

A Liderança de Eisenhower

Stephen E. Ambrose

© 1990 Stephen E. Ambrose

Este artigo foi originalmente publicado na edição June 1990, da revista Parameters.

O ANO DO CENTENÁRIO de nascimento (14 Out 1890) de Dwight David Eisenhower [forneceu] uma ocasião oportuna para analisar e avaliar sua liderança como general. Ike [seu apelido] foi nomeado para um posto de comando um pouco tarde em sua carreira. Embora tenha se formado em West Point em 1915, até 1942 havia comandado apenas uma guarnição de adestramento localizada no interior do território continental dos Estados Unidos da América (EUA), por menos de um ano, em 1918. Quando chegou à frente de operações na Tunísia para acompanhar as ações como Comandante do Quartel-General da Força Aliada, em Dez 42, ele nunca havia escutado um tiro disparado em combate.

Mesmo assim, em 8 de novembro de 1942, Eisenhower deu início à primeira ofensiva aliada da guerra — a Operação *Tocha*, uma ação extremamente complexa. Suas forças, britânica e estadunidense, terrestre, marítima e aérea, atacaram três pontos amplamente separados — Casablanca, Argel e Orã — contra uma força neutra, o Exército Colonial francês, sem uma declaração de guerra. A força de ataque de Casablanca, liderada por George S. Patton Jr., fez seu carregamento de combate em navios, atravessando o Atlântico partindo do Estado da Virgínia. As forças estadunidenses e britânicas que

partiram da Grã-Bretanha para atacar Argel e Orã deviam navegar pelo Estreito de Gibraltar. O que os franceses fariam, ninguém sabia. Eisenhower esperava persuadi-los, por meio da diplomacia em vez da força das armas, a juntar-se à causa Aliada ao invés de resistir.

Em resumo, Eisenhower, em sua primeira experiência de combate e de comando, enfrentou problemas extremamente sérios, tanto políticos quanto militares. Seu estado-maior estava tão tenso quanto ele próprio e buscava nele a liderança. Contudo, liderança era um assunto ao qual ele havia se dedicado por décadas. Para ele, não era uma arte, mas uma habilidade a ser aprendida. “A única qualidade que pode ser desenvolvida pela reflexão e pela prática é a liderança de homens”, ele escreveu ao seu filho John, aluno em West Point¹. Aqui chegara a sua chance de mostrar que ele a tinha desenvolvido.

Durante as ações no Norte da África, Eisenhower não apenas exerceu a liderança, mas também aprendeu novas lições. Foi “durante as horas ansiosas” em Gibraltar, ele escreveria mais tarde em um rascunho da introdução de suas memórias, que ao final decidiu descartar, “que percebi pela primeira vez a que nível inexorável e inevitável a força e a tensão esgotam a persistência, o juízo e a confiança do comandante. A pressão torna-se mais aguda devido ao dever do estado-maior de apresentar continuamente ao comandante o pior lado de uma eventualidade”. Nessa situação, Eisenhower percebera que o comandante tinha

O Professor Stephen E. Ambrose foi titular do Departamento de História na University of New Orleans e Professor Visitante de História Militar no US Army Military History Institute. Possuía os títulos de bacharel pela University of Wisconsin, mestre pela Louisiana State University e doutorado em

História pela University of Wisconsin. Seus 15 livros incluem cinco sobre o próprio Eisenhower. Faleceu em 13 Out 2002.



NARA

Generais norte-americanos: sentados, da esquerda para a direita, identificamos William H. Simpson, George S. Patton Jr., Carl Spaatz, Dwight D. Eisenhower, Omar Bradley, Courtney H. Hodges e Leonard T. Gerow; de pé, Ralph F. Stearley, Hoyt S. Vandenberg, Walter Bedell Smith, Otto P. Weyland e Richard E. Nugent. Califórnia, 1945.

de “preservar o otimismo em si próprio e em seu desempenho. Sem confiança, entusiasmo e otimismo no comando, a vitória é raramente conquistada”.

Eisenhower também percebeu que “otimismo e pessimismo são contagiantes e se espalham mais rapidamente da cabeça para baixo do que em qualquer outra direção”. Ele identificou duas vantagens adicionais resultantes de uma atitude alegre e confiante por parte do comandante: primeiro, esse “hábito minimiza as possibilidades de o próprio indivíduo sentir-se abatido moralmente”. Segundo:

[ele] tem um efeito extraordinário sobre todos com quem você entra em contato. Com essa compreensão clara, decidi firmemente que meus gestos e discursos em público sempre refletiriam a vibrante certeza da vitória — que qualquer pessimismo e desânimo que talvez eu sentisse seriam reservados para o meu travesseiro. Adotei como política circular pela força inteira, até o limite máximo imposto pelas minhas limitações físicas. Fiz o melhor possível para saudar a todos, do general ao soldado, com um sorriso, uma tapinha nas

costas e um sincero interesse pelos seus problemas².

Inicialmente, Eisenhower parecia ser melhor diplomata que soldado. As negociações com o Almirante Jean Darlan, Comandante em Chefe das Forças Armadas francesas na África, levaram rapidamente ao fim da resistência francesa. Embora o acordo estivesse sujeito a severas críticas, especialmente por parte dos liberais nos Estados Unidos e no Reino Unido devido às políticas fascistas adotadas por Darlan, tal iniciativa acabou liberando o deslocamento das forças de Ike para o leste, visando a combater os alemães na Tunísia. Contudo, a determinação e a vontade de

Eisenhower de assumir riscos na frente política contrastaram nitidamente com sua indecisão e cautela na frente militar. Ele não conseguiu impulsionar suas tropas e os alemães solidificaram seu controle na Tunísia; o resultado foi uma campanha paralisada. Em fevereiro, o Marechal Erwin Rommel contra-atacou na passagem de Kasserine; as Forças estadunidenses fracamente comandadas sofreram uma derrota humilhante. Mais tarde, Eisenhower assumiu a culpa pela derrota por não ter sido austero o suficiente na destituição dos comandantes incompetentes, especialmente de Lloyd Fredendall, o Comandante do II Corpo.

Ike aprendera com seus erros. Kasserine, disse ele ao Chefe de Estado-Maior George C. Marshall, escondia uma bênção, porque as tropas estadunidenses ganharam com a experiência. Os homens, ele relatou, “agora estão com raiva e prontos para combater. Todo o nosso efetivo aprendeu que isso não é um jogo para crianças e está pronto e ávido para começar a trabalhar”³. Ele convocou Patton, que estava em Casablanca, para assumir o comando na Tunísia e lhe disse (com conselhos que talvez fossem autodirigidos): “Você não deve manter, nem por um momento, qualquer homem

em uma posição de responsabilidade caso venha a duvidar de sua capacidade para cumprir a missão. Isso frequentemente exigirá mais coragem do que qualquer outra coisa que você terá de fazer, mas espero que saiba ser inflexível ao enfrentar situações como essa”⁴. Para um velho amigo, Leonard Gerow, na época treinando uma divisão de infantaria na Escócia, Ike ampliou o tema: “Os oficiais que fracassam precisam ser extirpados sem piedade. As considerações de amizade, família, bondade e boa personalidade não têm nada a ver com o problema. É preciso ser implacável”. Ele alertou Gerow para livrar-se dos “preguiçosos, indolentes, indiferentes e acomodados”, mesmo que ele tivesse de passar o resto da vida escrevendo justificativas para explicar suas ações⁵.

Em síntese, o Norte da África endureceu Eisenhower. Contudo, ainda havia muito para aprender. Depois da vitória no Norte da África, ele se lançou à invasão da Sicília (Julho de 1943). A decisão de invadir a Sicília mostrou a cautela estratégica dos Aliados, e de Eisenhower. A Sicília estava defendida por tropas italianas de qualidade duvidosa e contava com apenas duas Divisões alemãs. Estava afastada de Roma, e muito além do



NARA

Hitler aceita a ovação do Reichstag após anunciar a aquisição ‘pacífica’ da Áustria. Isso tornou possível a anexação dos Sudetos, região no norte da República Tcheca, habitada principalmente por pessoas de fala alemã. Berlim, Mar 1938.

coração da Alemanha. Ele permitiu que Bernard L. Montgomery, Comandante das Forças britânicas, e Patton conduzissem campanhas prudentes, avançando lentamente e evitando capturar muitos combatentes alemães. Em setembro, ele lançou

mais um ataque anfíbio, em terra continental italiana, em Salerno, mais uma vez uma decisão estratégica cautelosa, já que Salerno localiza-se bem ao sul de Roma. Ele cancelou, no último minuto, uma operação aeroterrestre planejada para capturar Roma, concluindo que o risco era alto demais. O resultado foi mais uma paralisação; as tropas aliadas não chegariam a Roma nos próximos nove meses.

O ano de 1943 foi caracterizado por grandes ganhos no mapa. As forças sob o comando de Eisenhower tinham conquistado Marrocos, Argélia, Tunísia, Sicília e o sul da Itália. Os ganhos estratégicos, contudo, foram mínimos, na melhor das avaliações. A Alemanha não tinha perdido qualquer território essencial para sua defesa. Ela não fora pressionada a reduzir suas forças na França nem na Rússia. Como um todo, as campanhas de Eisenhower de novembro de 1942 a dezembro de 1943 devem ser consideradas um fracasso estratégico.

Por outro lado, não podemos responsabilizá-lo sozinho, de modo algum, por aquele cenário. No verão de 1942, ele alertou seus chefes políticos sobre as consequências da rejeição à Operação *Roundup*, proposta de invasão da França, em favor da *Tocha*, a invasão do Norte da África. Mesmo assim, uma parte da responsabilidade por aquele cenário coube a Eisenhower. A cautela excessiva com que iniciou a campanha; sua negativa em correr riscos para chegar a Túnis antes dos alemães; sua recusa de arriscar em investir rapidamente tropas na Sardenha; sua oposição a destituir Fredendall; sua recusa em agir decisivamente na batalha da Sicília; e a perda da oportunidade de conquistar Roma com a 82ª Aeroterrestre — tudo isso contribuiu para a situação desfavorável deixada para trás na Itália. Os exércitos aliados estavam bem ao sul de Roma quando o inverno se estabeleceu, com pouca esperança de qualquer avanço rápido. Os Aliados gastaram muitos recursos, mas os ganhos foram poucos.

No lado político, o legado da campanha até então era de desconfiança profunda nos norte-americanos e britânicos por parte dos franceses e russos. Ambos queriam uma segunda frente no

nordeste da França e também suspeitavam profundamente do acordo com Darlan. Em resumo, a àquela altura, a campanha trouxera mínima recompensa militar e causara um desconforto diplomático.

O ano de 1943, no entanto, havia deixado pelo menos um ganho evidente para os Aliados. As operações forneceram ao alto-comando em geral, e em particular a Eisenhower, bem como às suas tropas, a necessária experiência para o prolongamento das ações. Além disso, Eisenhower aprendera com quais de seus subordinados ele poderia aguentar o peso do combate. Se não fosse pela Operação *Tocha*, se *Roundup* tivesse sido lançada em 1943 em vez da *Overlord* em 1944, os Aliados teriam desembarcado com um Eisenhower inseguro, no comando de tropas inexperientes, lideradas por Lloyd Fredendall. A ideia de Fredendall no comando na Praia de Omaha é, por si só, o suficiente para justificar a campanha mediterrânea.

Durante sua primeira experiência de combate, Eisenhower sentira-se inseguro de si mesmo, hesitante, frequentemente deprimido, irritável, sujeito a tomar decisões rápidas com informações insuficientes, defensivo tanto em seu estado de ânimo quanto em suas táticas. No decorrer da guerra, porém, ele aprendera como era essencial estar sempre alegre e otimista na presença dos subordinados, como a cautela poderia ser custosa em combate e com quem ele poderia contar nos momentos críticos.

Durante a campanha no mediterrâneo, Eisenhower e sua equipe já haviam melhorado radicalmente. Quando se preparavam para o clímax da guerra, a invasão da França, já eram imensamente superiores à equipe que invadira o Norte da África em novembro de 1942. A esse respeito, a compensação pela Operação *Tocha* valia o preço.

O papel de Eisenhower na invasão da França é tão bem conhecido que é necessária só uma referência muito breve neste artigo. De fato, pode ser dito que sua posição na história estava determinada quando a noite chegou às praias da Normandia, no dia 6 de junho de

1944. Centenas de milhares, de fato milhões, de homens e mulheres contribuíram para o sucesso da Operação *Overlord*, e 200.000 soldados, marinheiros e aviadores participaram diretamente do Dia D. No entanto, a operação sempre será vinculada a um nome: Dwight Eisenhower. Desde o início até seu término, a Operação *Overlord* marcada com seu carimbo pessoal. Ele foi a figura central na preparação, planejamento, treinamento, dissimulação, organização e execução da maior invasão da história. No momento decisivo, ele foi o comandante que ordenou que a força aeroterrestre norte-americana realizasse a missão planejada, apesar das previsões de última hora de seu Comandante Aéreo, Trafford Leigh-Mallory, de que as 82ª e 101ª Divisões Aeroterrestres iriam sofrer baixas de até 70% e ficariam incapazes de cumprir



Avançando pela aldeia de Prato, na Itália, soldados do 370º Regimento de Infantaria marcham, 09 Abr 1945.

as tarefas a elas designadas. Eisenhower era o general que, isoladamente, avaliava todos os fatores à luz das condições meteorológicas adversas, considerava todas as alternativas,



NARA

O soldado Paul Oglesby, 30º Batalhão de Infantaria, de pé em reverência às ruínas do altar de uma igreja católica em Acerno, Itália, 23 Set 43.

ouvia as opiniões de seus subordinados seniores (divididos bem no centro) e tomou a decisão que só ele poderia tomar.

Durante a campanha que sucedeu ao Dia D, o maior problema de Eisenhower, às vezes, parecia ser mais o Marechal britânico Montgomery e menos os alemães. A hesitação de Monty [o apelido de Montgomery] antes de Caen, por todo o mês de junho e na maior parte de julho de 1944, enfureceu o estado-maior de Ike e os generais norte-americanos presentes no teatro de operações. O fracasso de Monty em fechar a brecha no bolso de Falaise em agosto quase fez com que Patton se virasse contra os britânicos e, como ele disse, “os empurrasse ao mar para mais um Dunkirk”. Patton e seu superior imediato, General Omar Bradley, culpavam Ike tanto quanto Monty, pois, para eles, Eisenhower deveria ter destituído Montgomery ou tê-lo forçado a atacar.

O descontentamento deles cresceu no outono, quando Monty não conseguiu conquistar o porto de Antuérpia nem mobilizar suas forças para também conquistar Arnhem. Montgomery, mais tarde, piorou a situação ao exigir ser nomeado o único comandante terrestre (significando que ele estaria no comando das operações estadunidenses como o superior de Bradley) e que o 21º Grupo de Exército britânico fosse abastecido com todos os aprovisionamentos vindouros para uma única investida contra Berlim. Por outro lado, Patton havia solicitado a Ike que estacionasse Monty onde estava, autorizasse todos os suprimentos ao 3º Exército dos EUA e deixasse que essa força lançasse uma investida única ao sul das Ardenas para chegar a Berlim.

Eisenhower insistiu em avançar tanto pelo sul quanto pelo norte das Ardenas, com os britânicos e estadunidenses mais ou menos mantendo o mesmo passo, a assim chamada estratégia da frente ampla. Todos os seus comandantes subordinados, Bradley, Montgomery e Patton, foram contrariados. Cada um

desses generais alegava que Ike era uma pessoa muito condescendente, um comandante que temia tomar decisões difíceis. Alegavam que Ike concordava sempre com o último homem com quem falava, aceitava o plano dele, para depois mudar de opinião quando falava com o próximo.

Foram alegações muito sérias, mas um pouco fora da realidade. Montgomery tendia a ouvir o que queria ouvir, ler o que queria ler; Eisenhower procurava buscar palavras e frases que apaziguassem. Havia, conseqüentemente, uma falta de entendimento contínuo entre os dois. Não obstante, Eisenhower nunca abriu mão de dois pontos principais — comando e investida única —, não em agosto e setembro de 1944, nem de novo entre os meses de janeiro a março de 1945. Ele assumiu e manteve o controle do combate terrestre como disse que faria. E nunca vacilou sobre a questão da larga frente, quando lhe foram apresentados



NARA

Obuseiros americanos bombardeiam as Forças alemãs em retirada, perto de Carentan, na França, 11 Jul 44.

os planos do Supremo Quartel-General da Força Expedicionária Aliada (SHAEF, na sigla em inglês) para um avanço em duas frentes para a conquista da Alemanha.

De fato, Ike havia vacilado em alguns pontos relevantes, principalmente quanto à importância de Arnhem e Antuérpia e ao significado da palavra prioridade. No entanto, ele nunca dissera algo a Montgomery que um homem razoável pudesse ter interpretado como uma promessa de que Patton seria estacionado em Paris e que o 21º Grupo de Exército seria lançado para a conquista de Berlim. Tampouco deu motivos que levassem Patton a acreditar que seria lançado para conquistar Berlim sozinho. Ele sempre insistiu em invadir a Alemanha tanto pelo norte quanto pelo sul das Ardenas.

Eisenhower tinha várias razões. Sua análise sobre o moral alemão e a geografia local teve significativa influência na sua decisão. Mesmo depois de os Aliados penetrarem o West Wall (“Muro Oeste”), um grande obstáculo permaneceria entre eles e as terras centrais da Alemanha: o rio Reno. Uma única investida, especialmente além do Reno, estaria sujeita a contra-ataques pelos flancos. Eisenhower acreditava que os contra-ataques poderiam ser suficientemente fortes para cortar os eixos de suprimento e depois destruir os Exércitos aliados na vanguarda. Com a capacidade portuária dos Aliados limitada, eles não poderiam avançar suprimentos adequados para apoiar um Exército além do Reno. A cada quilômetro que as tropas avançadas se afastavam dos portos da Normandia, aumentavam as dificuldades de suprimento. Os

campos de aviação avançados, por exemplo, tinham de ser construídos para proporcionar cobertura aérea às tropas da vanguarda. Contudo, para construí-los era necessário deslocar engenheiros e material de construção para a frente, à custa de armas e gasolina. Um comandante de engenharia envolvido no planejamento enfatizou que se Patton tivesse atravessado o Reno em setembro, ele teria feito isso sem qualquer apoio logístico ou aéreo. “Uma boa força-tarefa de *Panzerfaust*, manobrada pela Juventude Hitlerista, poderia eliminá-lo antes que chegasse a Kassel”⁶. Quanto ao 21º Grupo de Exército, seu próprio chefe de estado-maior, Freddie de Guingand, manifestou que quando (e se) ele chegasse ao Reno, o material para construção de pontes teria de ser transportado para a frente à custa de outros suprimentos. Assim como Eisenhower, Wilfred de Guingand (Chefe do Estado-Maior de Montgomery) duvidava que haveria uma queda brusca do moral alemão; ele previa que o inimigo combateria até o fim.

E foi dessa forma, logicamente, que os alemães agiram, levando a necessidade de esforços combinados de 160 Divisões russas, toda a Força Expedicionária Aliada, uma ofensiva italiana e mais oito meses de massivos ataques aéreos para forçar a capitulação alemã. Depois da guerra, de Guingand observou, um pouco secamente, que ele tinha dúvidas de que Montgomery pudesse ter alcançado o mesmo resultado apenas com o 21º Grupo de Exército. “A minha conclusão, é, portanto”, de Guingand escreveu, “que Eisenhower tinha razão”⁷.

Os fatores políticos e de personalidade na decisão de Eisenhower são óbvios. Patton puxava em uma direção, Montgomery na outra — os dois de forma insistente, cada um de acordo com o seu próprio espírito militar, cada um acostumado a conseguir o que queria. Atrás deles estavam públicos aduladores, que fizeram com que Patton e Montgomery virassem símbolos da destreza militar de suas respectivas nações. Pelo ponto de vista de Eisenhower, conceder a um ou ao outro tal honra teria repercussões sérias, não apenas nos gritos impacientes da imprensa e do público da nação deixada para trás, mas na própria estrutura

da Aliança. Eisenhower temia que ela, a aliança, não pudesse sobreviver ao tumulto resultante. Era por demais arriscado, especialmente em uma operação tão arrojada. Mas ele nunca considerou correr esse risco.

Montgomery e Patton não demonstravam consideração alguma quando pressionavam Eisenhower argumentando por seus respectivos planos, mas as preocupações de Eisenhower não eram responsabilidades deles. Montgomery queria um término rápido da guerra, e que isso fosse realizado pelos britânicos, o que significava liderar a investida para Berlim pessoalmente. Patton faria qualquer coisa para conseguir isso antes dele. Se Eisenhower estivesse na posição deles, quase com certeza teria raciocinado da mesma forma, pois queria que seus subordinados fossem agressivos e confiassem neles mesmos e em suas tropas.

O grande ponto fraco de Eisenhower nessa situação não foi haver vacilado sobre a questão da larga frente, mas desejar por demais ser estimado e demasiadamente interessado em manter todos satisfeitos. Devido a essas características, ele não terminava uma reunião até que pelo menos um acordo verbal fosse estabelecido. Assim, ele parecia estar sempre mudando, “inclinando-se primeiro em uma direção, depois em outra”, conforme as opiniões e vontades do último homem com quem ele falara. Eisenhower, conforme descrito pelo Marechal britânico Alan Brook, parecia ser “um mediador, equilibrando as exigências de aliados e subordinados concorrentes em vez de impor-se fazendo uma escolha decisiva”⁸. Todos que despachavam com ele saíam da reunião acreditando que Eisenhower concordara com eles, apenas descobrindo mais tarde que não era bem assim. Por isso, Montgomery, Bradley e Patton registraram críticas a Eisenhower em seus diários, cartas e conversas (Bradley menos que os outros).

O verdadeiro preço que Eisenhower teve de pagar pelo desejo de ser bem estimado por seus comandados não foi, contudo, o ressentimento de Montgomery e Patton contra ele. Em vez disso, o preço foi pago no campo de batalha. Com sua tentativa de agradar Montgomery e Patton, Eisenhower concedeu a eles grande

liberdade de movimento tático, chegando ao ponto de permitir que eles escolhessem seus próprios objetivos. Isso acabou gerando um dos grandes erros da guerra: não conquistar e abrir Antuérpia rapidamente, a única verdadeira chance que os Aliados tinham para pôr fim à guerra em 1944. O homem responsável por esse insucesso foi Eisenhower.

Durante novembro e parte de dezembro de 1944 os exércitos de Ike continuaram a martelar os alemães, por toda a frente, desde a fronteira suíça até o Mar do Norte. Em 16 de dezembro os alemães lançaram uma contraofensiva completamente inesperada e surpreendentemente forte nas Ardenas. Os alemães conseguiram obter uma vantagem de oito para um em infantes e de quatro para um em blindados. A Batalha das Ardenas significara, até então, a maior que o Exército dos EUA havia combatido em toda a sua história, e a mais custosa, com mais de 40.000 baixas em um mês.

Eisenhower aceitou a culpa pela surpresa, acertadamente, já que não previra corretamente as ações do inimigo. Ele não conseguiu ver que Hitler se arriscaria desesperadamente, e foi ele, Eisenhower, o responsável pela debilidade da linha estadunidense nas Ardenas, porque havia insistido em manter uma ofensiva geral.

Apesar de seus erros, Ike foi o primeiro a compreender a importância da ação alemã (Bradley a considerou um ataque desorganizado; Eisenhower insistiu que era uma contraofensiva). Ike foi o primeiro a reajustar-se à nova situação e a perceber que Hitler oferecera uma grande oportunidade ao avançar seus exércitos para fora do abrigo do West Wall, embora a surpresa e as perdas iniciais dos Aliados tivessem sido dolorosas. Durante a manhã de 17 de dezembro, algumas horas após o início do ataque alemão, Ike escreveu ao Departamento de Guerra: “Se as coisas saírem bem deveremos não apenas parar a investida, mas também tirar proveito dela”⁹. Foi Ike que definiu Bastogne como o ponto crítico, insistindo em manter a cidade belga. Foi Ike que, contrariando os desejos iniciais de Patton, ordenou que o 3º Exército interrompesse sua ofensiva no leste e atacasse para o norte,

objetivando aliviar a pressão sobre a 101ª Divisão Aeroterrestre em Bastogne. Foi também Ike que decidiu por em ação o contra-ataque planejado para destruir os exércitos de *panzers* alemães nas Ardenas, não apenas contê-los. Em todos esses eventos, comprovou-se que ele estava certo.

Em janeiro e fevereiro de 1945, Ike insistiu em atacar ao longo de toda a linha. Ele queria destruir o máximo possível do exército alemão a oeste do rio Reno. Monty — mais uma vez — e também Patton — queriam, cada um, que o outro ficasse parado onde estava, para permitir uma única investida. Eisenhower se recusou. Ele acreditava justamente que atacar os alemães a oeste do Reno seria bem mais fácil do que enfrentá-los a leste dele, e, contanto que Hitler estivesse disposto a combater naquela posição, Ike tiraria proveito da oportunidade.

Em março, houve um grande golpe de sorte quando os aliados capturaram intata a ponte de Ludendorf, em Remagen. O plano inicial previa atravessar o Reno ao norte e ao sul de Remagen, mas Ike decidiu de imediato fazer uma grande travessia no centro, empregando o 1º Exército dos EUA. Ele conseguiu fazer isso porque seus exércitos tinham atingido o Reno em toda a sua extensão, o que lhe proporcionou mais flexibilidade. Provou ser a decisão certa — as tropas estadunidenses transpuseram a ponte e rapidamente cercaram os exércitos alemães ao norte. Em semanas, as forças aliadas estavam ocupando a Alemanha.

Em 7 de Maio de 1945, no quartel-general do SHAEF em Reims, na França, os alemães assinaram a rendição incondicional. Depois da rendição, ocorrida às 02:30 horas, Eisenhower abriu uma garrafa de champanha para comemorar. A bebida estava sem gás. Ike, igualmente, estava muito cansado. Em vez de comemorar, ele foi repousar.

Apesar da falta de efervescência de Eisenhower nas primeiras horas daquela manhã, é justo que, hoje, levantemos nossas taças para reconhecer seus feitos e os motivos que teve para comemorar. O problema é que se busca em vão por elogios e reconhecimento às realizações de Dwight D. Eisenhower na Segunda Guerra Mundial. Como é que alguém pode comentar satisfatoriamente sobre

o que ele passou, sobre o que contribuiu para a vitória final, sobre sua posição na história militar?

Felizmente, George C. Marshall, depois do próprio Eisenhower o maior responsável pelos sucessos de Ike, falou em nome da nação e de seus aliados, bem como do Exército, quando respondeu à última mensagem em tempos de guerra de Eisenhower. “Você cumpriu sua missão com a maior vitória da história da guerra”, disse Marshall no início de seu texto. “Comandou com êxito extraordinário a força militar mais poderosa já reunida em todos os tempos. Enfrentou e solucionou com sucesso todos os problemas concebíveis ligados aos variados interesses nacionais e aos complexos problemas políticos internacionais sem precedentes”. Eisenhower, disse Marshall, triunfara sobre problemas logísticos e obstáculos militares inconcebíveis. “Por tudo isso, desde o dia de nossa chegada à Inglaterra há três anos, sempre agiu com desprendimento, sempre foi correto e tolerante em seus julgamentos e, no todo, admirável na coragem e sabedoria de suas decisões militares”.

“Você fez história, grande história para o bem da humanidade, e você tem representado tudo



NARA

O General Bernard L. Montgomery observa seus blindados durante contra-ataque britânico no Norte da África, Nov 1942.

o que esperamos e admiramos em um oficial do Exército dos Estados Unidos. Essas são minhas homenagens e meu agradecimento pessoal”¹⁰. Foi o melhor elogio possível, da melhor fonte possível. Foi merecido.

Eisenhower mereceu o referido elogio claramente pelo comprometimento total de seu tempo, energia e emoção, como também por sua inteligência, talento e liderança. Também esteve com a sorte ao seu lado — com suas designações, assistentes, subordinados e superiores, com seus oponentes, com as condições meteorológicas no Dia D. De fato, recebeu tantas e boas oportunidades que “a sorte de Eisenhower” chegou a ser um provérbio. Um dos atributos da liderança de Eisenhower foi sua atenção aos detalhes, complementado com seu conhecimento intuitivo centrado em *qual* detalhe deveria prestar atenção. Sua decisão sobre as condições meteorológicas no Dia D, por exemplo, não pode ser atribuída apenas à sorte. Por um mês, antes de 6 de Junho, ele reservou 15 minutos a cada dia de sua ocupada agenda para despachar com o Capitão de Grupo Stagg, seu meteorologista. Escutava a previsão de Stagg para os próximos dias, depois perguntava a ele em que embasava sua opinião. Ele queria captar conhecimento com Stagg, para poder ser capaz de fazer sua própria avaliação quando chegasse a hora.

Como soldado, a característica principal de Eisenhower era sua flexibilidade. Ele dizia com frequência que planos são essenciais durante a preparação para o combate, mas uma vez iniciada a batalha, os planos são inúteis. Em nenhuma ocasião essa característica pareceu mais clara ou efetiva que em sua reação à conquista da ponte em Remagen.

Eisenhower era extraordinário na arte de saltar mentalmente sobre a linha de frente para ler a mente do inimigo. Apenas ele entendeu, em setembro de 1944, que os alemães iriam lutar bravamente, até não restarem mais munições, da mesma forma que entendeu, em 17 de dezembro, que os alemães estavam lançando uma contraofensiva nas Ardenas, não apenas um contra-ataque.

No Mediterrâneo, no exercício de seu comando, foi excessivamente cauteloso, mas, na campanha no noroeste da Europa, exibiu a ousadia e a vontade de assumir riscos. O melhor exemplo foi sua decisão

de prosseguir com o lançamento de paraquedistas das 82ª e 101ª Divisões Aeroterrestres, apesar da forte recomendação do Comandante Aéreo, Trafford Leigh-Mallory, para que essa manobra fosse suspensa. Somente por essa decisão, em vista das contribuições indispensáveis dos paraquedistas para o sucesso do Dia D, Eisenhower já havia merecido sua fama.

Ike cometeu erros na Europa, embora menos do que havia cometido no Mediterrâneo. Alguns aconteceram devido a objetivos considerados mais importantes, como, por exemplo, manter uma frente unida entre os aliados britânicos e estadunidenses. Atender às reivindicações de Montgomery significava falhar em conquistar Caen em meados de junho de 1944; significava falhar totalmente em destruir o exército alemão em Falaise em meados de agosto; significava falhar na captura de Antuérpia em meados de setembro. Também foi muito prejudicial para os aliados quando no início de janeiro de 1945, Monte não conseguiu rechaçar os alemães nas Ardenas. Isso ocasionou as perdas mais significativas da guerra para o Exército estadunidense.

Para os críticos de Eisenhower, seu maior erro foi não conquistar Berlim (este autor discorda fortemente dessa opinião). Em uma escala até maior, sem dúvida ele não esteve certo em 1945 ao ter tanta fé (ou esperança) no futuro das relações estadunidense-soviéticas. Ele deveria ter percebido que os assuntos que dividiam os aliados relutantes eram grandes demais para serem superados.

Contudo, como estrategista, a arte mais importante para um comandante, ele teve mais acertos dos que erros. Ele acertou na escolha da Normandia como o local da invasão, acertou ao escolher Bradley em vez de Patton como o Comandante do 1º Exército, acertou quando insistiu em usar bombardeiros contra o sistema ferroviário inimigo, acertou ao insistir no combate em larga frente contra a Alemanha, acertou ao ver as Ardenas como uma oportunidade em vez de um desastre e acertou ao travar a batalha principal a oeste do Reno. Eisenhower esteve no lado da razão nas grandes decisões.

Ele foi o general mais exitoso da maior guerra já travada. **MR**

REFERÊNCIAS

1. Dwight Eisenhower a John Eisenhower, 19 Jun. 1943, Eisenhower Library, Abilene, Kansas.
2. O rascunho do manuscrito de *Crusade in Europe* está no Eisenhower Library.
3. Citado em BLUMENSON, Martin. *Kasserine Pass* (Boston: Houghton Mifflin, 1967), p. 297, 306.
4. Eisenhower a Patton, 6 Mar, 1943, Eisenhower Library.
5. Eisenhower a Gerow, 24 Feb. 1943, Eisenhower Library.
6. Citado em POGUE, Forrest. *The Supreme Command* (Washington, US Dept. of the Army, 1954), p. 249.
7. GUINGAND, Sir Francis de. *Operation Victory* (New York: Scribner's, 1947), p. 329-30.
8. BRYANT, Sir Arthur. *Triumph in the West* (London: Collins, 1959), p. 213.
9. Eisenhower a Marshall, 17 Dec. 1944, Eisenhower Library.
10. Marshall a Eisenhower, 7 May 1945, Eisenhower Library.